

# Fatores da determinação do tempo entre trabalhar e estudar dos jovens no Brasil

Eduardo A. Tillmann<sup>i</sup>  
Flavio V. Comim<sup>ii</sup>

## Resumo

Este artigo busca identificar características dos jovens ligadas à alocação do tempo entre trabalhar e estudar. Para tal duas definições de trabalho são utilizadas, a de ocupação remunerada, e outra que inclui os trabalhos sem remuneração, entre estes à responsabilidade sobre os afazeres domésticos. Na primeira definição, o papel da educação dos pais e da renda do domicílio reforçaram a ideia de que existe uma transmissão intergeracional da educação e de oportunidades. Além disso, a categoria nem-nem foi associada ao meio rural, a maternidade e ao casamento, sobretudo na definição de trabalho mais abrangente. A comparação entre as duas definições mostrou que as mulheres possuem maiores e mais persistentes chances de serem nem-nem na definição de trabalho remunerado. Assim, de forma geral, destaca-se a necessidade de buscar instrumentos que permitam uma maior conciliação entre os afazeres domésticos, o mercado de trabalho e os estudos.

**Palavras-chave:** Jovens. Nem-nem. Tarefas domésticas.

## Abstract

This article seeks to identify the characteristics related to the allocation of time between work and study of youngsters. For that, two definitions of labor are considered, paid occupation and another that also includes work without compensation, such as the responsibility for housework. In the first definition, the role of parents' education and household income reinforced the idea that there is an intergenerational transmission of education and opportunities. Moreover, the NEET category was associated with inhabiting in rural areas, motherhood and marriage, especially in the definition that includes unpaid work. The comparison between the two definitions showed that women have higher and more persistent odds of being NEET in the paid work definition. Thus, in general, this work strengthens the need for instruments that enable greater reconciliation between housework, market work and study.

**Key Words:** Youth. Brazil. NEET. Housework.

**Classificação JEL:** J64. O54. D19.

---

<sup>i</sup> Doutorando em Economia Aplicada da UFRGS [eduardo.tillmann@ufrgs.br](mailto:eduardo.tillmann@ufrgs.br).

<sup>ii</sup> Dr. Prof. do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFRGS. [fvc1001@cam.co.uk](mailto:fvc1001@cam.co.uk)

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra e Domicílio – PNAD (2011) –, o Brasil possui 49,1 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que representa 25% da população total. É um enorme desafio promover um crescimento que seja capaz de garantir uma vida digna a todos estes jovens. Especialmente em um país marcado pela baixa qualidade da educação secundária (BRUNS et al., 2012), onde a taxa de fertilidade é de 71 para cada 1.000 adolescentes de 15 a 19 anos (WDI, 2012) e possuidor de uma das taxas mais altas do mundo de homicídio dos jovens entre 15 e 19 anos, com 32 homicídios por 100,000 habitantes (UNICEF, 2014).

Estes fatores, associados à situação de pobreza, baixa escolaridade, falta de oportunidades e de perspectivas futuras, remetem à dificuldade de inserção social dos jovens no Brasil. Estas dificuldades também estão correlacionadas com o prolongamento do processo de transição para a vida adulta, justificado primeiramente pela extensão da permanência do jovem na escola (CAMARANO et. al., 2006) e, mais recentemente, pelo fenômeno da geração nem-nem<sup>1</sup> (CAMARANO e KANSO, 2012).

Este trabalho investiga determinantes da alocação do tempo dos jovens<sup>2</sup> entre trabalhar e estudar através de uma comparação da definição usual de trabalho e uma definição mais abrangente, que inclui trabalhos não remunerados e as tarefas domésticas. O objetivo é buscar identificar diferenças nestas duas definições, e possibilitar uma maior compreensão das jovens nem-nem, associadas ao perfil de trabalhadoras domésticas.

Segundo a PNAD (2011), no Brasil, 70% dos jovens que não trabalham e não estudam são mulheres, demonstrando o forte componente de gênero que existe neste fenômeno. A inclusão das tarefas domésticas como trabalho ajuda a evidenciar algumas particularidades destas jovens, principalmente no que tange a adoção de políticas inclusivas. Neste sentido, este trabalho argumenta que estas políticas devem buscar instrumentos que permitiam às jovens conciliar estas tarefas, possibilitando a permanência delas na escola ou no mercado de trabalho.

---

<sup>1</sup> Também é comum na literatura encontrar os termos NEETs ou NiNis, que são as siglas em inglês e espanhol que indicam aqueles que não estudam e não trabalham.

<sup>2</sup> A definição de jovens segue a Emenda à Constituição nº 42/08, que caracteriza a faixa etária dos jovens como de 15 a 29 anos.

Este artigo está dividido, além desta introdução, em seis seções. A segunda seção trata de uma breve revisão de literatura sobre a importância dos investimentos em capital humano durante a juventude, para em seguida, expor a problemática dos jovens nem-nem. A terceira seção apresenta os dados da PNAD (2011), enquanto a quarta é dedicada ao método aplicado na presente investigação. Os resultados sobre a alocação do tempo dos jovens, com ênfase nos que não trabalham e não estudam estão dispostos na quinta seção e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A juventude configura-se como uma faixa de idade bastante propícia para investimentos em capital humano, uma vez que há um horizonte mais longo de tempo para que se recuperem os custos e exista uma maior maturação destes investimentos. Esta é a principal visão da abordagem do capital humano sobre os jovens, uma vez que por ela, a decisão de estudar pode ser entendida como um investimento de longo prazo, contabilizado pelos seus ganhos potenciais sobre os níveis de consumo e renda futuros.

As famílias, portanto, tomam decisão crucial ante a continuidade dos estudos ou o ingresso no mercado de trabalho por parte dos jovens, uma vez que, além de potenciais geradores de renda no presente, eles têm a capacidade de acumular capital humano para o futuro. Estas decisões, no entanto, possuem elevados custos de oportunidade para as famílias, principalmente àquelas em situação de maior vulnerabilidade, especialmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil, onde a baixa qualidade da educação favorece o ingresso no mercado de trabalho de muitas crianças e jovens (GONZAGA et al., 2012).

A abordagem microeconômica assume que os indivíduos maximizam bem-estar, de forma a adotar um comportamento consistente no tempo, isto é, os indivíduos tentam fazer o melhor para antecipar as consequências incertas de seus atos. No entanto, estas ações são restritas por recursos ilimitados, como renda, tempo, memória imperfeita e capacidade de cálculo, e pelas oportunidades disponíveis na economia, que por sua vez, são amplamente determinadas pela ação privada e coletiva de outros indivíduos e organizações. Na visão de Becker (1965) diferentes restrições são decisivas em diferentes situações, mas a mais fundamental é a do tempo, pois enquanto a quantidade

de bens e serviços pode ser expandida, o tempo disponível para consumi-los permanece limitado. Assim, quanto maior a disponibilidade de bens, maior é a valorização dada ao tempo.

A inclusão da dimensão do tempo é fundamental para o estudo das decisões de alocação dos recursos por parte da família, principalmente àquelas que se referem a acumulação de capital humano. Um dos precursores desta literatura, Becker (1991), propõe um modelo onde a família é entendida como uma unidade de tomada de decisão<sup>3</sup> que aloca seu tempo entre tarefas domésticas e de mercado, visando a maximização do consumo. Deste modo, as mulheres, em função de características intrínsecas, acabam se especializando nas tarefas domésticas. Isto é, as diferenças biológicas que levam as mulheres a terem maior compromisso com a gestação e criação das crianças, fazem com que os homens possuam vantagem comparativa no trabalho de mercado, determinando a direção da divisão sexual do trabalho.

Outros modelos mais complexos buscam analisar as desigualdades dentro da família<sup>4</sup> e explorar estas diferenças de gênero. Entre estes avanços destaca-se Hadfield (1999) que liga o incentivo individual para a realização de investimentos em capital humano à busca de um futuro parceiro, e não às diferenças biológicas ou sexuais. Ainda, Albanesi e Olivetti (2009) entendem que as diferenças entre homens e mulheres ocorrem em função do custo atrelado ao esforço no trabalho ser crescente com as horas gastas nas tarefas domésticas, de modo que se as firmas acreditam que as horas domésticas serão maiores para as mulheres e, portanto, ofertam contratos com menores salários, ou de pagamentos por desempenho e esforço à elas.

Em suma, estes modelos racionalizam a divisão sexual do trabalho, e corroboram a ideia de que a especialização dos homens para o mercado faz com que eles possuam maiores incentivos para investir em capital humano. No entanto, conforme apontado por Arrow (1997) e Haveman e Wolfe (1984), existem ganhos sociais na promoção destes investimentos. Além de externalidades positivas destes junto às mulheres, como a melhora na saúde da família e a diminuição da taxa de nascimentos (SCHULTZ, 2002).

---

<sup>3</sup> Isto é, assume-se que os pais agem como se maximizassem uma única função de utilidade.

<sup>4</sup> Como Chiappori (1992), Manser e Brown (1980) e McElroy e Horney (1981). Para uma revisão mais completa ver Strauss e Thomas (1995)

Entre os principais entraves para a acumulação de capital humano por parte das jovens está a sua responsabilização pelas tarefas domésticas. Neste sentido, Levison e Moe (1998), Kimmel e Connelly (2006) e Levison et al. (2001) argumentam que muitas particularidades das jovens são negligenciadas ao não serem consideradas as atividades domésticas na definição de trabalho, principalmente na adoção de políticas voltadas para incentivar a escolaridade de crianças e adolescentes do sexo feminino. A evidência empírica mostra que este tipo de trabalho é tão prejudicial à escolaridade quanto o ingresso no mercado de trabalho (KRUGER; BERTHELOM, 2008) e muitas vezes ocorrem devido ao fato destas jovens substituírem os pais nos cuidados com crianças (EDMONDS, 2006).

Além de dificultar o acúmulo de capital humano das mulheres, as tarefas domésticas também afetam seus salários, uma vez que restringem a quantidade de tempo que as mulheres dispõem para o mercado formal. Assim, a responsabilidade pelos afazeres domésticos, dado que o tempo é um recurso finito, pode causar a redução de horas no trabalho ou o seu abandono, dificultando o acúmulo de experiência que, por sua vez, está associado positivamente com os salários. De outra forma, as tarefas domésticas podem ter efeito negativo sobre os salários por reduzirem o esforço disponível para as atividades do mercado de trabalho usual, afetando a produtividade e, por consequência, os rendimentos (BECKER, 1985; HERSCH, 1985).

## 2.1 OS JOVENS NEM-NEM

A literatura analisada até então, é fundamental para se entender o problema da geração nem-nem, isto é, dos jovens que não estudam e não trabalham. Existem diversos estudos apontam as sérias consequências de longo prazo decorrentes deste fenômeno (COLES et al., 2010; PARDO, 2011; DORSETT e LICCHINO, 2012). Entre estas, estão a maior probabilidade de se tornarem desempregados, de usar drogas e álcool, possuírem saúde precária, gravidez na adolescência e envolvimento no crime. Além destes, Bynner et al. (2000), Bynner e Parsons (2002), Popham (2003) e Robson (2008), mostram que jovens nesta categoria são oriundos de famílias mais humildes e estão ligados a más experiências durante o período de educação, tais como, dificuldades de aprendizado e falta de motivação.

Segundo Quintini e Martin (2006), cada vez mais jovens encontram dificuldades em encontrar emprego e buscam refugio na inatividade. Um dos motivos para tal, de acordo com Furlong e Cartmel (2007), está no fato de que a transição entre a escola e o trabalho tem se tornado mais prolongada e mais específica ao indivíduo, em função de reestruturações no mercado de trabalho, do aumento da demanda por trabalhadores mais educados, de práticas mais flexíveis de emprego e pela adoção de políticas sociais, dificultando ainda mais o processo de transição do jovem da adolescência para a vida adulta.

Há, também, um forte viés de gênero dentro da problemática dos nem-nem, uma vez que as mulheres jovens são mais propensas a permanecer em casa para cuidar de irmãos menores, no caso de já serem mães ou, ainda, para realizar as atividades domésticas (CHEVALIER; VIITANEN, 2003; NOVELLINO, 2010). Fato corroborado por Costa-Ribeiro (2009), que ao estudar a transição da adolescência para a vida adulta no Brasil, chama atenção da grande participação de mães solteiras dentro do percentual de jovens que não estudam e não trabalham, e para a importância da família das jovens na determinação desta categoria, visto que em sua análise, o fato de ambos os pais possuírem baixa educação e do pai não estar trabalhando foram tidos como os principais preditores da jovem não estar trabalhando ou estudando.

Estudos voltados para a tomada de decisão dos jovens entre estudar e entrar no mercado de trabalho, como Corseuil, Santos e Foguel (2001), Menezes-Filho et al. (2002), dão ênfase à importância da família, gênero, renda e escolaridade nas escolhas efetuadas. Além destes, Alcázar et al. (2002) ressaltam que os jovens no meio rural de países sul-americanos têm maior dificuldade de acesso a bens e serviços, o que restringe o acesso à escola e o ingresso no mercado de trabalho, fazendo com que se espere um maior número de jovens que não estudam e não trabalham nestes locais. Ainda, o estudo mostra que o ambiente rural está associado a uma menor renda familiar e a uma menor escolaridade dos pais, o que perpetua estas dificuldades.

Esta relevância do papel da família no desenvolvimento dos filhos ressalta a existência de uma transmissão intergeracional de oportunidades. No Brasil, porém, a essência deste problema está no *trade-off* entre trabalhar e continuar a educação formal em escolas de baixa qualidade. Segundo Gonzaga et al. (2012), isto faz com que o custo de oportunidade dos estudos, principalmente das famílias menos favorecidas, seja muito

alto. Deste modo, os autores apontam para a existência de um ciclo vicioso, em função da falta de experiência dos jovens e da exigência, principalmente para se conseguir um trabalho formal, de experiência prévia. Resultando em um mercado de trabalho com muitos trabalhadores em empregos informais, de baixo salário, com poucas chances de promoção e de aumento real no salário.

Em função disto, o Brasil apresenta uma alta taxa de rotatividade no mercado de trabalho para esta faixa etária (GONZAGA, 2003) e, também, uma tendência cíclica na empregabilidade dos jovens. Isto é, eles deixam a escola para ficar um curto período de tempo no setor informal, passam para o setor formal por períodos mais longos e, finalmente, se tornam autônomos (CUNNINGHAM; SALVAGNO, 2011).

O enfrentamento das causas e consequências trazidas pelos jovens, em especial os da geração nem-nem, vai ao encontro das propostas dos Objetivos do Milênio<sup>5</sup> (ONU, 2013), que destacam a necessidade de uma maior igualdade de gênero, principalmente através da maior inclusão das mulheres na educação e, também, o alcance do emprego pleno e produtivo e o trabalho decente para todos. Em suma, a busca de melhores condições de vida para mulheres e jovens no Brasil, significa contribuir para o florescimento da juventude e, também, da redução de uma das maiores desigualdades, em termos de distribuição de renda do mundo.

### **3 PERFIL DOS JOVENS NO BRASIL**

Nesta seção será apresentado o perfil do jovem no Brasil com base na PNAD de 2011, com a ideia de caracterizar o processo de transição para a vida adulta através de atributos como gênero, escolaridade, região e etc. Para isso, a amostra foi dividida em quatro categorias, de acordo com a atividade que o jovem exerce, levando em consideração a semana de referência, que são: (i) nem-nem; (ii) trabalha; (iii) estuda, (iv) trabalha e estuda.

Segundo a PNAD (2011), o Brasil possui 49,1 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que representa 25% da população total. Isto indica um aumento no número de pessoas dentro desta faixa etária, que nos anos de 1980 e 2000 atendia, respectivamente, por 34,5 milhões e 47 milhões de brasileiros. No entanto, há um declínio no que se

---

<sup>5</sup> Para maiores informações, ver <http://www.un.org/millenniumgoals/bkgd.shtml>

refere à proporção da população, que era de 29% em 1980 e 28,3% em 2000. Esta diminuição de percentual é um fenômeno demográfico denominado de “ondas jovens” (BERCOVICH; MADEIRA, 1990; BERCOVICH; MASSÉ, 2004).

Abaixo, na Figura 1, é apresentada a distribuição dos jovens de acordo com as quatro categorias que indicam a alocação do tempo entre escola e mercado de trabalho, separada por gênero.

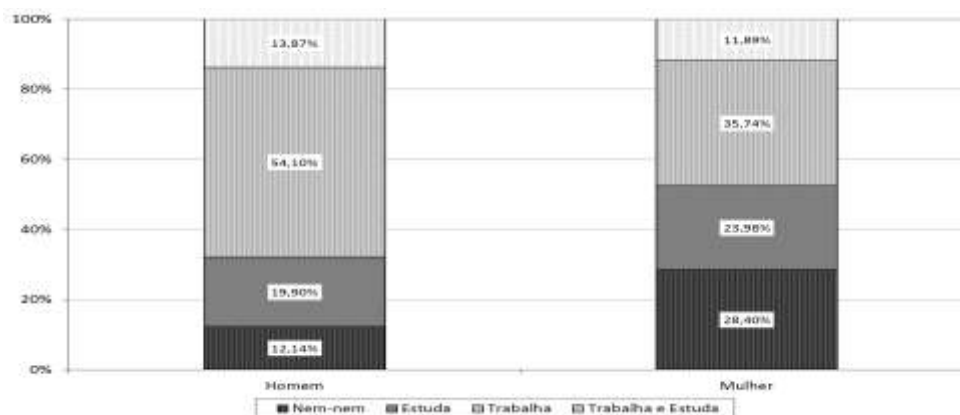


Figura 1. Distribuição dos jovens de acordo com a categoria e sexo.

Nota-se que a categoria trabalha é predominante para os jovens do sexo masculino, com 54,10%, e feminino, com 35,74%. Já a categoria dos que não estudam e não trabalham, é a de menor representatividade entre os homens, com 12,14%, e a segunda maior entre as mulheres, com 28,40%. Estes valores realçam a maior propensão dos jovens homens em trabalhar, uma questão importante para a desigualdade de gênero.

Neste sentido, vale a pena ressaltar a quantidade de jovens que se encontram na categoria nem-nem, no total são 10,1 milhões de indivíduos, dentre os quais 70% são mulheres. Uma interpretação para esta estatística é que os jovens enfrentam maiores dificuldades de ingresso no mercado de trabalho e acabam ficando mais tempo em estado de desemprego (ILO, 2006), o que é atribuído ao alto grau de volatilidade existente no mercado de trabalho durante esta faixa etária, resultado do tempo e esforço do jovem em identificar um emprego que se ajuste às suas preferências (MILLER, 1984; QUINTINI, et al. 2007; CUNNINGHAM, 2009) e, também, por estarem mais sujeitos às flutuações do mercado (WELLER, 2007; PNUD, 2009).



Na Figura 2, a seguir, busca-se identificar diferenças entre as categorias de análise, não só por gênero, como também entre as zonas urbana e rural em que os jovens residem.

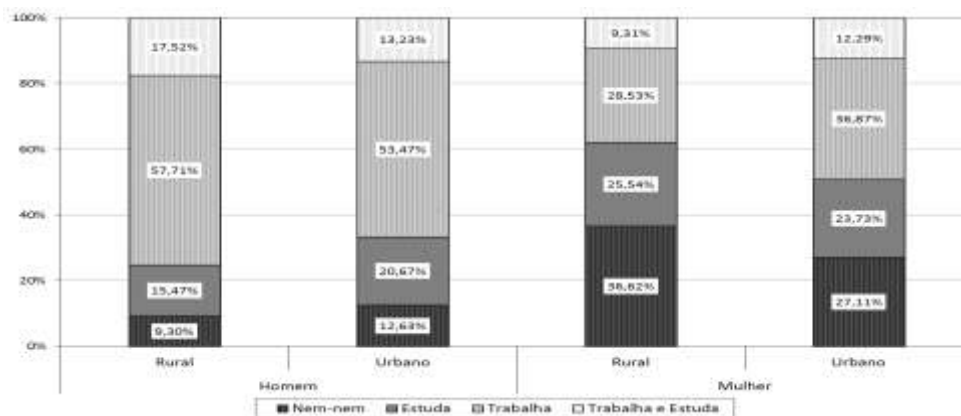


Figura 2. Distribuição dos jovens de acordo com área de residência em 2011.

É possível notar que para os homens a categoria trabalha predomina, independentemente da localização, com 57,71%, no meio rural e 53,47% no urbano. Este percentual mais elevado na zona rural, aliado ao maior percentual na categoria trabalha e estuda, de 17,52%, são reflexos das maiores responsabilidades que os jovens residentes na zona rural possuem<sup>6</sup>. Já as categorias apenas estuda e nem-nem apresentam valores superiores na zona urbana, com 20,67% e 12,63%, enquanto que no meio rural os percentuais ficam em 15,47% e 9,30%, respectivamente.

As mulheres possuem maior homogeneidade do que os homens entre as alocações do tempo, independente da localização. No entanto, no meio rural a de maior relevância é a nem-nem, com 36,62%, seguida por trabalhar, 28,53%, enquanto que no meio urbano esta ordem se inverte, sendo a principal trabalhar, 36,87%, seguida por nem-nem, 27,16%. Estes dados realçam a já comentada importância que tem a categoria nem-nem para as mulheres jovens, onde mesmo no meio urbano, mais de uma em quatro delas estão nesta condição.

Os percentuais das jovens do sexo feminino que estudam e trabalham no meio urbano e rural é de 12,29% e 9,31%, respectivamente. Isto corrobora com a maior probabilidade dos homens em trabalhar, principalmente no meio rural, onde a parcela de

<sup>6</sup> Para maiores informações ver Vieira (2008).

jovens do sexo masculino nesta categoria ultrapassa os 17%. Ainda, é importante destacar que a categoria apenas estuda é superior para as mulheres, tanto no meio rural como no meio urbano, com respectivos 25,54% e 23,73%.

Estudos como o de Alcázar et al. (2002) indicam que em países sul-americanos os adolescentes no meio rural têm menor acesso a bens e serviços, o que dificulta a frequência escolar e o ingresso no mercado de trabalho. Ainda, o estudo mostra que o ambiente rural está associado a uma menor renda familiar e a uma menor escolaridade dos pais, o que perpetua estas dificuldades. Além disso, os dados da PNAD (2011) indicam que apenas 23% dos homens e 19% das mulheres jovens que trabalham no meio rural possuem carteira assinada, percentuais que aumentam para cerca de 60% entre homens e mulheres no meio urbano. Este elevado grau de informalidade no emprego dos jovens rurais está ligado, não só ao diferencial de salários em relação ao urbano, mas também ao menor acesso a equipamentos públicos, às baixas condições de vida e a menor média e qualidade do ensino (FERREIRA; ALVES, 2009).

O tema da escolaridade é melhor explorado na Figura 3, a seguir, onde são apresentados os anos de estudos de cada categoria de alocação do tempo dos jovens entre trabalha e estuda, separada por gênero.

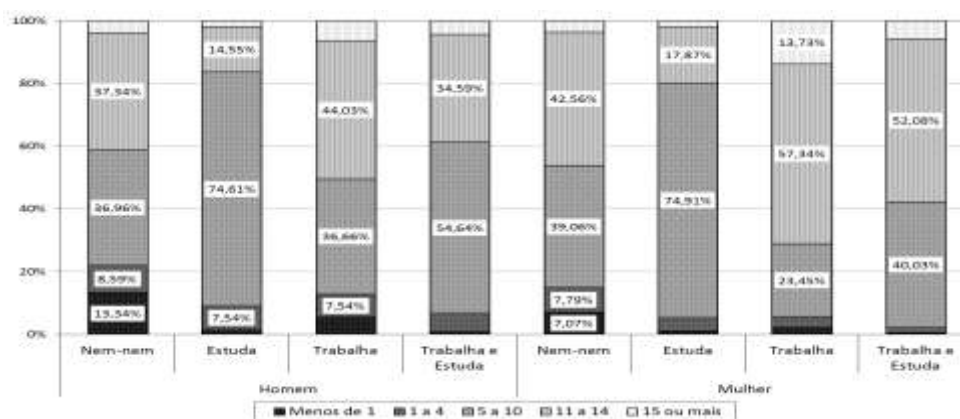


Figura 3. Distribuição dos jovens de acordo com os anos de estudo e categoria.

As diferenças entre homens e mulheres, observadas na Figura 3, são menos marcantes do que nos casos anteriores. Em ambos os sexos, os que só trabalham têm, em sua maioria, de 11 a 14 anos de estudo, 44,03% para os homens e 57,34% para as

mulheres. O que reflete a maior propensão da mulher em terminar o ensino médio<sup>7</sup> e, então, se dedicar exclusivamente ao trabalho. Esta maior escolaridade da mulher no ingresso do mercado de trabalho também é refletida na categoria trabalha e estuda, onde o percentual da categoria de 11 a 14 anos de estudo é de 52,08%, enquanto que o dos homens fica em apenas 34,59%.

A categoria apenas estuda está mais concentrada no intervalo entre os 5 e 10 anos de escolaridade, 74,61% para os homens e 74,91% para as mulheres. Estes valores são justificados principalmente em função deste intervalo representar o ensino fundamental e parte do médio, com forte correlação entre estes valores e as idades mais novas.

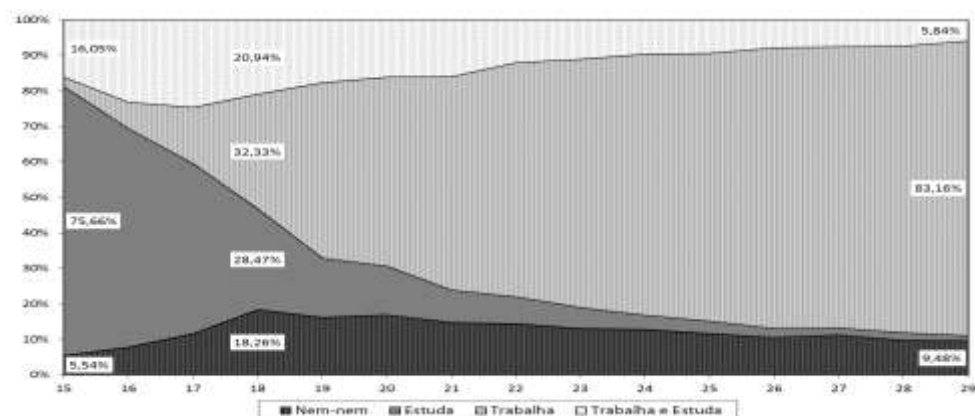
Já a categoria referente aos jovens nem-nem é a que apresenta maior participação relativa de indivíduos com menos de um ano de escolaridade, tanto para mulheres como para homens. A correlação desta categoria com a baixa escolaridade já foi evidenciada por Camarano e Kanso (2012), onde as autoras também ressaltam a influência da baixa renda, da raça e da escolaridade do chefe do domicílio sobre esta categoria. Apesar de estas questões serem aprofundadas na sequência, é evidente na literatura a preocupação com a influência da escolaridade dos pais nesta questão<sup>8</sup>. Não obstante, é importante ressaltar que a maioria dos jovens nem-nem estão nos grupos de 5 a 10 e de 11 a 14 anos de escolaridade, o que parece estar de acordo com a alta rotatividade dos jovens no mercado de trabalho (CUNNINGHAM, 2009; GONZAGA et al., 2012).

A decisão do jovem entre trabalhar e estudar ocorre de forma dinâmica no tempo. Desta forma, incluir as diferenças desta alocação entre as idades é fundamental para a identificação dos períodos de maior relevância de cada uma das categorias analisadas e, também, dos períodos sensitivos que compõe a transição para a vida adulta. A participação dos indivíduos em cada categoria, de acordo com a idade é apresentada na Figura 4, a seguir.

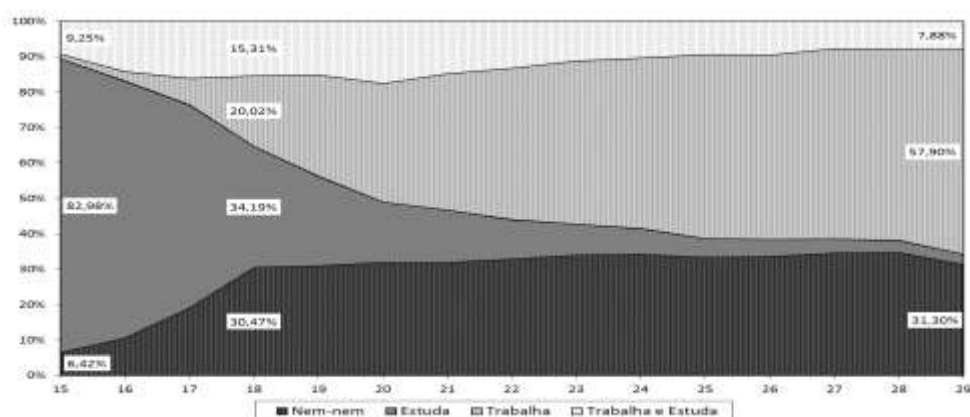
---

<sup>7</sup> No Brasil o Ensino Fundamental corresponde de oito a nove anos de estudo, enquanto que o Ensino Médio corresponde de onze a doze anos de escolaridade.

<sup>8</sup> Conforme pode ser observado por Corseuil et al. (2001), Menezes-Filho (2002), Lam e Duryea (1999).



(a) Distribuição dos Homens.



(b) Distribuição das Mulheres.

Figura 4. Idade e categoria dos jovens em 2011, separados por gênero.

Conforme pode ser observado, ambos os sexos possuem predominância da categoria estuda aos 15 anos de idade, com 75,66% e 82,98% para homens e mulheres, respectivamente. É importante ressaltar que a categoria estuda perde espaço para as demais, caracterizando o processo de transição para a vida adulta, que pode ser entendido como a fase de maior efervescência nas mudanças de *status* (FUSSEL, 2006; VIEIRA, 2008).

A categoria trabalha é a que apresenta maior crescimento. No entanto, este é superior para os homens, uma vez que na idade final da amostra, 83,16% dos homens e apenas 57,9% das mulheres estão nesta categoria. A predominância do trabalho entre os jovens do sexo masculino, também se reflete na categoria estuda e trabalha que apesar de não ser tão expressiva, na média, apresenta valores superiores para os homens.

Cabe ressaltar as mudanças que ocorrem quando se passa a analisar os jovens que já atingiram a maior idade, isto é, 18 anos. A partir desta idade, os homens

majoritariamente apenas trabalham, importância que se repete até a última idade analisada. Já para as mulheres, apenas estudar, perde o posto de predominante aos 19 anos, isto é, um ano mais tarde do que para os homens. Um dos fatores que contribui para este atraso é que tanto a categoria nem-nem, como a categoria apenas trabalha ganham espaço quando as jovens atingem a maior idade.

A relevância da categoria nem-nem para as mulheres faz com que aos 18 anos ela atinja 30,47% de representatividade, valor que permanece relativamente constante para as idades subsequentes, culminando com 31,30% na idade limite. Esta importância também é identificada em outros estudos, como Camarano et al. (2006), segundo a qual isto pode sugerir uma permanência maior das jovens em casa, para o cuidado de irmãos menores, realização de atividades domésticas, e em decorrência da maternidade (CHEVALIER; VIITANEN, 2003; NOVELLINO, 2010). Para os homens, a relevância desta categoria é bastante distinta, o percentual máximo que ela atinge é 18,26% aos 18 anos, no entanto, a partir deste ponto há uma contínua redução do número de jovens nem-nem, que atinge 9,48% aos 29 anos.

É importante destacar a ocorrência do fenômeno nem-nem entre as mulheres, principalmente durante as idades mais novas. O motivo, conforme discutido anteriormente, remete à importância do acúmulo de capital humano, fator relevante para a prevenção dos riscos associados à adolescência. Neste sentido, os dados indicam uma alta ocorrência de gravidez entre as jovens nem-nem em idades mais baixas, conforme pode ser observado na Figura 5, abaixo.

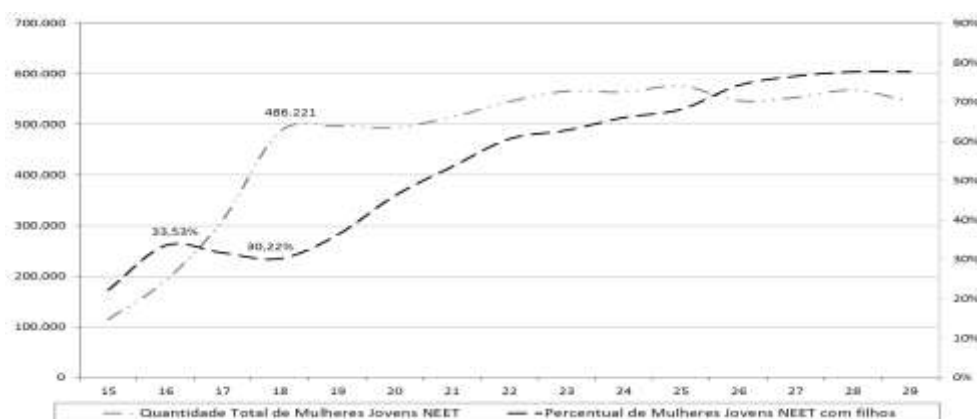
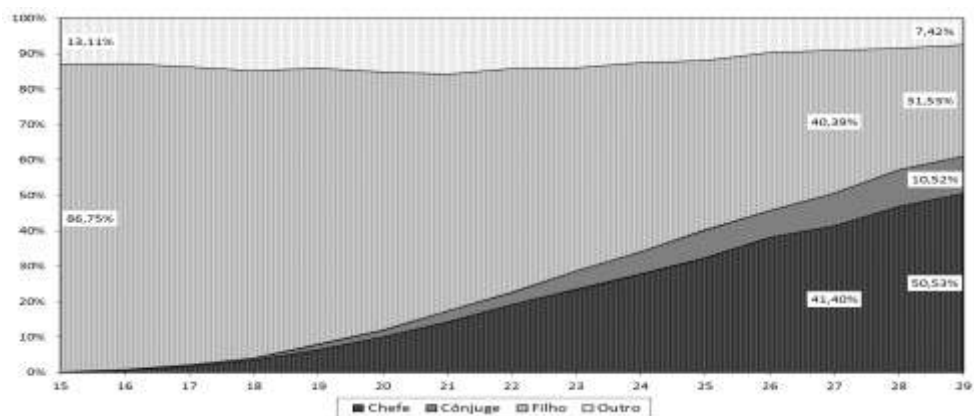


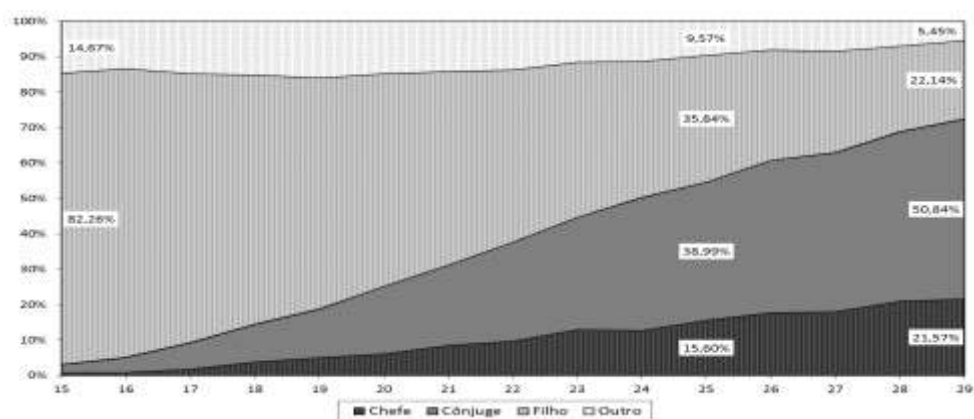
Figura 5. Quantidade total de mulheres jovens nem-nem e o percentual delas com filhos.

As tendências apresentadas pelas curvas na Figura 5 mostram que apesar de haver uma menor quantidade de mulheres nem-nem nas idades mais novas, o percentual destas com filhos é gira em torno de 30% até a maioridade. Indicando uma alta correlação entre ser mãe e não estar matriculada na escola ou de possuir algum trabalho nesta faixa etária. É importante destacar que a partir dos 18 anos, o número de mulheres nem-nem fica estável em torno de 500 mil, enquanto o percentual de nem-nem que possuem filhos vai aumentando até atingir cerca de 80%.

Outro aspecto importante de se destacar é o processo de independência dos jovens, isto pode ser observado através da evolução da relação do jovem com o chefe do domicílio. Isto é, quando eles passam o *status* de filhos do chefe do domicílio a chefe ou a cônjuge do chefe. A Figura 6, a seguir, mostra esta relação separada por gênero.



(a) Distribuição dos Homens



(b) Distribuição das Mulheres

Figura 6. Idade e posição dos jovens no domicílio em relação ao chefe, separados por gênero.

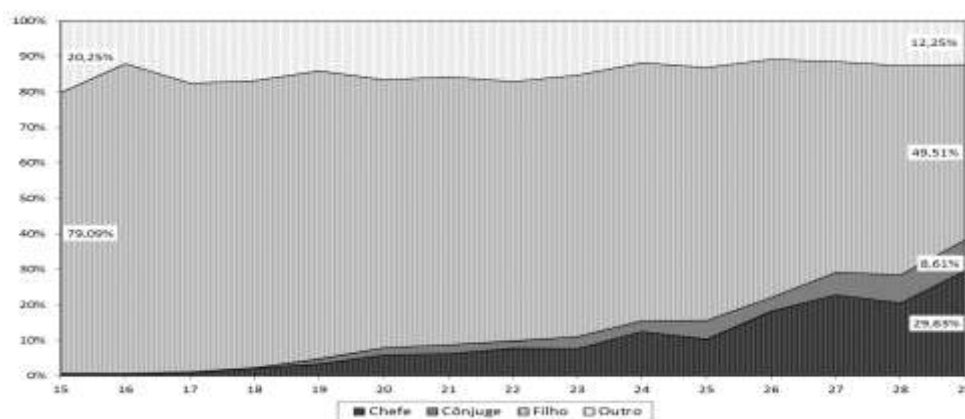
Conforme pode ser observado no gráfico para os homens, aos 15 anos de idade, praticamente nenhum jovem é tido como chefe de domicílio, sendo a grande maioria, 86,75%, filhos do chefe. A posição de filho, no entanto, começa a diminuir de relevância para as idades subsequentes, até que a partir dos indivíduos com 27 anos ela é ultrapassada pela categoria Chefe. Desta forma, na idade mais avançada da definição de jovem, os homens chefes de domicílio correspondem a mais de 50% dos indivíduos, enquanto que os ainda filhos do chefe eram de apenas 31,53%.

Entre as mulheres, o percentual de filhas do chefe na idade inicial é bastante semelhante ao dos jovens, de 82,26%. No entanto, no transcorrer das idades há um aumento mais significativo da categoria cônjuge do chefe, que representa 39% das jovens de 25 anos, superando o número de filhas. Já na última idade considerada pela definição de jovem, o percentual de cônjuges atinge mais de 50% das jovens, enquanto o de filhas do chefe é pouco maior que 22%.

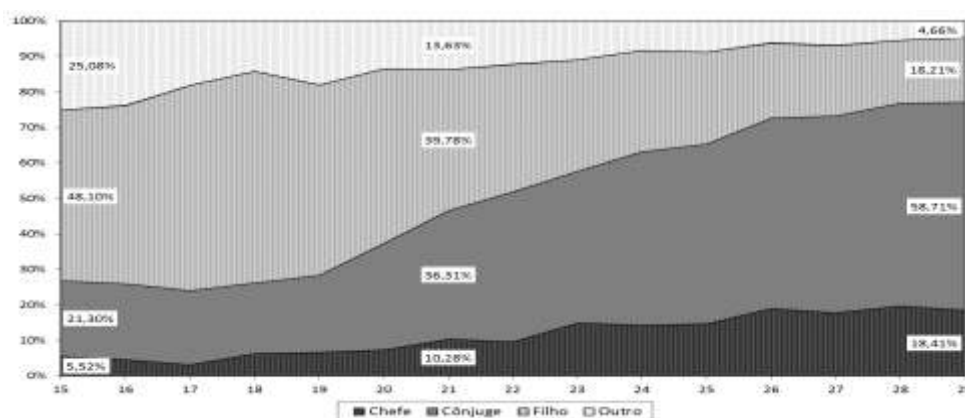
A elevada idade em que a maioria dos jovens consegue se emancipar do domicílio de origem, quando comparada com o alcance da maior idade, vai ao encontro das evidências encontradas na literatura que apontam para o prolongamento da juventude no Brasil (ARRUDA, 2004; MELLO, 2005; MADEIRA, 2006). Vale ressaltar que a maioria das mulheres se tornam independentes do domicílio de origem dois anos antes que os homens. Esta evidência é corroborada por estudos demográficos como Vieira (2008), segundo o qual a transição para a vida adulta ocorre de forma precoce para as mulheres, principalmente no meio rural. Isto se justifica uma vez que 25% das cônjuges com até 18 anos estão no meio rural, um percentual bastante significativo considerando que neste local vivem apenas 16,5% do total de mulheres nesta faixa etária. Além disso, ao se verificar a relação entre a emancipação e a gravidez entre as jovens com até de 18 anos, 35,6% das mães nesta faixa etária são cônjuges do chefe do domicílio, enquanto 38% ainda são filhas do chefe. Chama atenção, também, o fato de 17% possuírem outro parentesco com o chefe, indicando a importância de famílias compostas por outros laços familiares, como avós e tios.

As relações entre os jovens e o chefe do domicílio onde vivem ganha especial relevância para os que não estudam e não trabalham, por permitir a identificação das condições familiares e do nível de responsabilidades assumidas por estes jovens. Estas questões, conforme salientado nas seções anteriores, são extremamente relevantes em

termos de desenvolvimento humano e, também, possibilitam um comparativo com a situação dos jovens em geral. Desta forma, na Figura 7, abaixo, destaca-se a relação dos jovens nem-nem com os chefes de domicílio.



(a) Distribuição dos Homens



(b) Distribuição das Mulheres

Figura 7. Idade e posição dos jovens nem-nem no domicílio em relação ao chefe, separados por gênero.

A Figura 7 indica que os jovens nem-nem do sexo masculino são predominantemente considerados como filhos do chefe do domicílio em todas as idades analisadas. Isto mostra o menor dinamismo destes em termos de emancipação do ambiente de origem. Especialmente porque na última idade em consideração há aproximadamente 50% dos jovens nesta condição, um percentual bastante superior os 31,5% identificados no caso geral. Cabe ressaltar que entre os nem-nem homens, também é relevante a categoria denominada Outros, que corresponde a outro parentesco com o chefe do domicílio que não os que já foram destacados no gráfico.



Já no que tange as mulheres jovens nem-nem, nota-se o elevado percentual das que são consideradas cônjuges do chefe do domicílio, mesmo nas idades iniciais da amostra. Vale ressaltar que o percentual no caso geral, existiam pouco mais de 2% de cônjuges aos 15 anos, enquanto que entre as nem-nem este número é superior a 21%. Ainda, esta categoria ultrapassa a de ser filha do chefe já aos 21 anos, isto é, quatro anos antes do caso geral. A relevância da categoria cônjuge do chefe é destacada em todas as idades, principalmente na última idade considerada quando corresponde a cerca de 60% das jovens nem-nem.

Esta predominância das cônjuges, está altamente ligada a maternidade, uma vez que dentre as nem-nem aproximadamente 55% possuem pelo menos um filho. Um percentual que se reduz para 36%, quando são consideradas todas as jovens. Conforme destacado anteriormente, na Figura 5, há uma elevada ocorrência de gravidez na adolescência entre as jovens mais novas que estão nesta situação. Especialmente entre as que possuem até 18 anos, 38% das que têm filhos já são cônjuges do chefe do domicílio.

A relação entre gravidez, saída da escola e o posterior comprometimento da inserção no mercado de trabalho é o tema de diversos estudos. Segundo Miller (2011), nos Estados Unidos, postergar a maternidade aumenta os rendimentos das futuras mães em 9% por ano de adiamento, sendo o impacto maior para mulheres com maior nível de escolaridade. Estudos para o Brasil, como Novellino (2010), Souza et al. (2011) e, ainda, Moore e Waite (1981) e Chavalier e Viitanen (2003) no âmbito internacional, associam a maternidade adolescente ao abandono da escola, a baixa escolaridade e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Os dados da PNAD (2011) indicam que entre as nem-nem que possuem filhos, cerca de 54% têm no máximo o ensino fundamental completo. Isto contribui para o desafio de promover melhores condições de vida para todos, através da inclusão das mulheres na educação e no mercado de trabalho.

#### **4. MÉTODO**

A base de dados utilizada para a identificação da decisão de alocação do tempo dos jovens foi a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD – do ano de

2011. A partir dela, foram considerados como jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos e, em função da semana de referência<sup>9</sup> em que foi realizada a pesquisa, eles foram separados por gênero e em quatro grupos, que são: (i) só trabalha, (ii) só estuda, (iii) trabalha e estuda e (iv) nem-nem.

Em um primeiro momento, foram realizadas as estimações considerando a definição de trabalho como de ocupação remunerada, isto é, se a pessoa recebeu algum dinheiro, mercadorias ou benefícios pelos serviços prestados, para em seguida, incluir nesta definição o trabalho em ocupações sem remuneração e a responsabilidade pelos afazeres domésticos. Através desta categorização, foram identificados aspectos do contexto familiar, social e de habilidades que induzem a uma maior tendência do jovem estar ou não executando cada uma destas tarefas, de acordo com as distintas definições de trabalho.

Neste sentido, as variáveis<sup>10</sup> utilizadas podem ser separadas em cinco subcategorias: as características pessoais, que correspondem a idade, a idade ao quadrado, se é filho do chefe do domicílio, a raça, se é casado e, para mulheres, se tem filho<sup>11</sup>; as características da escolaridade do indivíduo, que são representadas por quatro variáveis que indicam intervalos de anos de escolaridade; características do ambiente domiciliar do indivíduo que correspondem a escolaridade máxima atingida pelo chefe e cônjuge<sup>12</sup> do domicílio, se o chefe do domicílio trabalha, e se a chefe do domicílio é mulher; características locais, que incluem o local de residência, tanto se é rural ou não, e a região do país onde reside; e as características das condições do domicílio, que incluem se o jovem recebe alguma outra renda que não deriva do trabalho, como pensão e etc., o número de pessoas que residem no domicílio, o número de cômodos deste domicílio e se ele possui esgoto encanado.

A estimação segue a perspectiva de Becker (1965), onde cada indivíduo busca maximizar seu bem-estar de acordo com suas preferências e sujeito a restrições de recursos e preços. Desta forma, assume-se que cada uma das categorias em análise podem ser representadas por um vetor  $J$ , onde  $J=(0$  - só trabalha; 1 - só estuda; 2 -

---

<sup>9</sup> A semana de referência da PNAD (2011) corresponde ao período de 18 a 24 de setembro de 2011.

<sup>10</sup> A descrição completa das variáveis utilizadas está na Tabela A.1 do Apêndice.

<sup>11</sup> Esta variável foi apenas considerada para as jovens devido a difícil identificação desta ocorrência para os homens.

<sup>12</sup> A variável de escolaridade máxima é considerada apenas quando o chefe ou cônjuge não são o próprio jovem.

estuda e trabalha; 3 – nem-nem) e que  $i$  representa cada indivíduo, de modo que  $i = (1, \dots, n)$ , a utilidade de cada jovem pode ser definida como:

$$U_{ij} = x'_{ij}\beta + \varepsilon_{ij} \quad (4.1)$$

Onde  $x$  são as características individuais, como idade, educação, raça e etc., e  $\beta$  representa os parâmetros estimados para cada destas características. Assim, se o jovem seleciona uma determinada categoria  $j$  em particular, assume-se que  $U_{ij}$  é máxima entre as  $J$  utilidades, de forma que  $\Pr(U_{ij} > U_{ik})$  para todo  $k \neq j$ .

Na intenção de atender ao objetivo do presente trabalho, busca-se verificar como alterações nos elementos de  $x$  afetam a probabilidade do jovem estar em cada uma das categorias, isto é,  $P(y_i = j | x_i)$ . O modelo *logit multinomial*, de acordo com Wooldridge (2010), estima estas probabilidade de modo que:

$$P(y_i = j | x_i) = \frac{e^{x_i\beta_j}}{\sum_{k=0}^3 e^{x_i\beta_k}}, \quad j=0, 1, 2, 3 \quad (4.2)$$

É importante ressaltar que este modelo requer uma normalização arbitrária para uma categoria de referência, pois precisa fornecer  $J+1$  parâmetros com apenas  $J$  equações. Nesse sentido, a interpretação deve ser feita tomando-se uma das categorias de escolha como referência (GREENE, 2011). Por fim, uma característica destes modelos é que podem ser representados por taxas de risco relativas, definidas como:

$$\ln \left[ \frac{P_{ij}}{P_{ik}} \right] = x'_i(\beta_j - \beta_k) = x'_i\beta_j, \text{ se } k = 0 \quad (4.3)$$

Estas taxas de risco, não dependem das outras escolhas e muitas vezes são utilizadas para facilitar a interpretação dos coeficientes estimados. Vale destacar que esta estimação é conduzida via máxima verossimilhança<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Para maiores informações sobre o procedimento, ver Wooldridge (2010) e Greene (2010).

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta o resultado da aplicação do modelo *logit multinomial* conforme descrito acima. As estimações cuja variável dependente usa a definição de trabalho usual estão apresentadas, separadas por gênero, nas Tabelas 1 e 2. Já os resultados que adicionam os afazeres domésticos e o trabalho sem remuneração na definição de trabalho estão apresentadas nas Tabelas A.4 e A.5 no Apêndice. É importante ressaltar que o modelo necessita da escolha de uma categoria base, que no presente estudo é a de apenas estudar.

Tabela 1. Taxas de risco relativas da aplicação do modelo *logit multinomial* para os homens jovens – 2011.

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e Estuda	Variáveis	Nem-Nem	Trabalha	Trabalha e Estuda	
Idade	5,936*** (0,403)	12,273*** (0,722)	2,762*** (0,162)	Chefe trabalha	0,862*** (0,045)	1,002 (0,046)	1,177*** (0,058)	
Idade2	0,967*** (0,002)	0,954*** (0,001)	0,981*** (0,001)	Chefe mulher	1,235*** (0,058)	0,912** (0,037)	0,902** (0,038)	
Filho	0,988 (0,064)	0,446*** (0,023)	0,749*** (0,043)	Nº pessoas	1,135*** (0,015)	1,108*** (0,013)	1,011 (0,012)	
Raça	0,816*** (0,039)	0,822*** (0,034)	0,950 (0,040)	Nº cômodos	0,887*** (0,011)	0,857*** (0,008)	0,963*** (0,009)	
Casado	4,336*** (1,498)	5,556*** (1,828)	3,922*** (1,356)	Banheiro enc.	0,761*** (0,040)	0,604*** (0,028)	0,810*** (0,038)	
Estudo 1 a 4	0,274*** (0,035)	0,578*** (0,075)	0,838 (0,118)	Outra renda	0,907 (0,080)	0,197*** (0,019)	0,473*** (0,047)	
Estudo 5 a 10	0,136*** (0,015)	0,372*** (0,043)	0,870 (0,109)	Rural	1,127* (0,081)	2,260*** (0,136)	2,242*** (0,137)	
Estudo 11 a 14	0,275*** (0,034)	0,730** (0,090)	1,458*** (0,194)	N	0,496*** (0,036)	0,408*** (0,026)	0,907 (0,058)	
Estudo 15 mais	0,165*** (0,030)	0,588*** (0,100)	1,004 (0,184)	NE	0,747*** (0,043)	0,510*** (0,026)	0,747*** (0,040)	
Educ. pais prim.	1,500*** (0,074)	1,458*** (0,062)	1,239*** (0,055)	S	0,863** (0,064)	1,285*** (0,079)	1,478*** (0,091)	
Educ. pais sup.	0,480*** (0,036)	0,318*** (0,021)	0,605*** (0,038)	CO	0,690*** (0,055)	0,751*** (0,050)	1,184** (0,080)	
Pseudo R2							0,251	
Log pseudolikelihood							-21845664	
Nº obs.							45689	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD 2011.

Notas: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses. \*\*\*, \*\* e \* representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Conforme pode ser observado, a estimação para os homens jovens indica que dentre as características pessoais, representada pelas cinco primeiras variáveis da Tabela 1, quanto maior a idade do jovem mais ele está propenso a apenas trabalhar, ser nem-nem ou trabalhar e estudar. Este efeito era esperado, pois a categoria apenas estudar é a base adotada e nas idades mais novas muitos dos jovens ainda estão terminando a educação básica. O efeito da idade é mais forte na categoria trabalha, reforçando seu importante papel na transição para a vida adulta. O mesmo pode ser dito para o casamento, que também apresenta valores mais altos na categoria trabalha e é considerado como fator constituinte<sup>14</sup> da transição para a vida adulta.

A variável que indica se o jovem ainda é filho do chefe do domicílio, apesar de não ser significativa para o caso dos nem-nem, implica diminuição na chance relativa de trabalhar e de trabalhar e estudar, em 55,4% e em 25,1%, respectivamente. Ainda, dentre as variáveis de características pessoais, estar casado diminui as chances de estar estudando, enquanto que a raça, isto é, ser da cor branca, reduz a probabilidade de se tornar nem-nem e de trabalhar. Este último resultado evidencia a maior propensão dos brancos em permanecer na escola e, assim, acumular mais capital humano.

Os intervalos de anos de escolaridade considerados são estatisticamente significativos em todos seus níveis para os nem-nem, e indicam redução na chance de estar nesta categoria. Isto é, a probabilidade de ser nem-nem está mais associada a ter nenhum ou menos de um ano de educação formal. O mesmo ocorre com os coeficientes encontrados para os que apenas trabalham, enquanto que estar no intervalo entre 11 a 14 anos de estudos está associado com uma maior probabilidade dos jovens estarem trabalhando e estudando.

A educação dos pais, já evidenciada como importante fator na determinação da alocação do tempo dos jovens no Brasil (LEME; WAJNMAN, 2000; CORSEUIL et al., 2001; MENEZES-FILHO et al., 2002), indica que pais cuja escolaridade máxima é cursar ou ter educação primária completa aumentam a chance relativa do filho ser nem-nem e trabalhar. O efeito oposto, isto é, que o jovem esteja estudando, é encontrado para pais cujo nível de escolaridade é cursar ou ter o ensino superior completo. Isto reflete o fato, também destacado por Corseuil et al. (2001), de que pais mais educados teriam mais informações sobre a importância da educação e tenderiam a atribuir maior valor ao

---

<sup>14</sup> Mais informações sobre os processos de transição para a vida adulta ver Camarano (2004).

tempo gasto por seus filhos em atividades escolares. Ainda, a variável de educação dos pais também pode ser entendida como *proxy* para a renda permanente, de forma que pais mais educados disporiam de mais recursos para investir na educação de seus filhos.

Entre as demais variáveis que representam o ambiente do domicílio, o fato do chefe do domicílio estar empregado aumenta a probabilidade do jovem trabalhar e estudar, e reduz a de ser nem-nem. Já a variável que indica se a chefe do domicílio é uma mulher, encontra efeito positivo no fato do jovem ser nem-nem, mostrando que a chefia do domicílio por parte das mulheres está atrelada ao desemprego dos homens.

As variáveis de condições do domicílio possuem o efeito esperado, de tal forma que quanto maior o número de pessoas no domicílio, menores são as chances relativas dos jovens estarem estudando, enquanto que as demais variáveis, de forma contrária, aumentam a possibilidade dos estudos em detrimento das demais categorias. Já entre as variáveis locacionais, estar no meio rural diminui a probabilidade do jovem estudar, aumentando principalmente as chances dele só trabalhar ou trabalhar e estudar, reflexo do acesso mais difícil a serviços públicos e de menor qualidade do ensino, conforme destacado por Ferreira e Alves (2009). Por fim, as variáveis regionais, em comparação com o Sudeste, indicam que em todas as regiões os jovens possuem menores chances relativas de serem nem-nem, enquanto que há maior probabilidade de estarem apenas trabalhando no Sul e de conciliar trabalho e estudo no Sul e no Centro-Oeste.

Traçando um comparativo com a definição de trabalho mais ampla, que inclui os afazeres domésticos e os trabalhos sem remuneração, nota-se que para os homens não são identificadas muitas mudanças significativas. No entanto, cabe ressaltar a diminuição do efeito da idade na probabilidade do jovem estar em cada uma das categorias e, ainda, a diminuição do impacto de residir no meio rural.

Na intenção de identificar os determinantes da alocação de tempo das jovens, a Tabela 2 abaixo, apresenta os resultados da estimação do modelo logit *multinomial* específico para elas.

Tabela 2. Taxas de risco relativas da aplicação do modelo *logit multinomial* para as mulheres jovens – 2011.

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e Estuda	Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e Estuda	
Idade	3,555*** (0,193)	5,727*** (0,329)	2,160*** (0,128)	Chefe trab.	0,882*** (0,037)	0,914** (0,039)	1,083* (0,051)	
Idade2	0,976*** (0,001)	0,968*** (0,001)	0,986*** (0,001)	Chefe mulher	0,987 (0,041)	1,101** (0,047)	1,017 (0,046)	
Filho	0,425*** (0,020)	0,471*** (0,023)	0,845*** (0,046)	Nº pessoas	1,107*** (0,012)	1,066*** (0,012)	0,988 (0,013)	
Raça	0,797*** (0,032)	0,798*** (0,032)	0,994 (0,043)	Nº cômodos	0,840*** (0,009)	0,855*** (0,008)	0,949*** (0,009)	
Mãe	5,124*** (0,286)	3,026*** (0,173)	1,089 (0,074)	Banheiro enc.	0,762*** (0,033)	0,823*** (0,036)	0,891** (0,042)	
Casado	2,496*** (0,386)	2,434*** (0,379)	2,050*** (0,357)	Outra renda	0,753*** (0,047)	0,545*** (0,035)	0,683*** (0,053)	
Estudo 1 a 4	0,486*** (0,069)	0,781 (0,118)	0,506*** (0,092)	Rural	1,269*** (0,069)	1,280*** (0,073)	1,061 (0,070)	
Estudo 5 a 10	0,263*** (0,032)	0,554*** (0,070)	0,767** (0,103)	N	0,431*** (0,026)	0,303*** (0,019)	0,624*** (0,041)	
Estudo 11 a 14	1,014 (0,126)	3,148*** (0,407)	2,134*** (0,293)	NE	0,695*** (0,034)	0,464*** (0,023)	0,624*** (0,034)	
Estudo 15 mais	1,103 (0,182)	6,908*** (1,126)	1,622*** (0,287)	S	1,015 (0,063)	1,342*** (0,081)	1,521*** (0,095)	
Educ. pais prim.	1,423*** (0,059)	1,375*** (0,058)	1,016 (0,048)	CO	0,644*** (0,042)	0,595*** (0,038)	0,950 (0,064)	
Educ. pais sup.	0,431*** (0,029)	0,343*** (0,022)	0,592*** (0,038)	-	-	-	-	
Pseudo R2							0,241	
Log pseudolikelihood							-24679996	
Nº obs.							46065	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD 2011.

Notas: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses. \*\*\*, \*\* e \* representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Os resultados estimados para as mulheres, de forma semelhante ao dos homens, indicam que quanto maior a idade da jovem, menor são as chances relativas deles estarem estudando em detrimento das outras categorias, principalmente apenas trabalhando. Além disso, os resultados apontam que ser mãe aumenta as chances da jovem se tornar nem-nem e de trabalhar. O maior valor encontrado para a categoria nem-nem e a alta representatividade desta categoria entre as jovens mais novas e com filhos, conforme salientado na Seção 2, reforça a hipótese de que a maternidade adolescente está associada ao abandono da escola, a baixa escolaridade e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Isto pode, segundo Heckman (2008), ser um fator comprometedor dos investimentos realizados pela família durante a criação dos filhos,

além de dificultar a formação de um ambiente propício para o seu maior desenvolvimento.

O casamento para as jovens possui impacto positivo relevante nas chances dela não mais estudar, aumentando a probabilidade das outras categorias. A magnitude deste efeito é distinta entre os sexos, sendo mais intensa entre os homens, ou seja, eles têm maior probabilidade de, ao casar, não permanecer nos estudos. Já ser filha do chefe e de ser da cor branca, de maneira geral, faz com que aumentem as chances da jovem estar estudando, resultado semelhante ao encontrado para os homens.

As variáveis que representam os intervalos de anos de estudo mais baixos atribuem, de forma mais clara que no caso masculino, uma maior probabilidade às mulheres estarem estudando. Enquanto que os intervalos entre 11 e 14, e 15 ou mais anos de estudo enfatizam, principalmente, uma maior chance da jovem apenas trabalhar. Já as variáveis de ensino dos pais, de maneira equivalente ao dos homens, possuem grande impacto na decisão das jovens. Ser filho de pais com menor escolaridade implica ter maior probabilidade de ser nem-nem ou estar apenas trabalhando, enquanto que pais com nível superior aumentam as chances da jovem apenas estudar, formando uma espécie de transmissão da educação entre gerações.

Entre as *proxies* de riqueza, apenas o número de pessoas no domicílio não faz com que se aumentem as chances da jovem estar estudando. Indicando que a dedicação exclusiva ao estudo está atrelada a uma maior renda domiciliar. No conjunto de variáveis locacionais, chama atenção o fato das jovens que estão no meio rural terem maior probabilidade de serem nem-nem ou estarem apenas trabalhando. Estes resultados reforçam a necessidade de uma maior inclusão social, especialmente das jovens no meio rural. Por fim, as *dummies* regionais indicam que, com exceção do sul, aumentam-se as chances dos jovens se encontrarem na categoria apenas estudando.

No comparativo com a definição de trabalho mais abrangente, que inclui os afazeres domésticos e o trabalho sem remuneração, assim como entre os homens, a variável de idade diminui sua influência, porém, residir no meio rural aumenta ainda mais as chances das mulheres não estarem estudando. Outra diferença, no que tange este comparativo entre as definições de trabalho, ocorre para o coeficiente da variável casamento que aumenta de valor para as mulheres. Ainda, vale ressaltar que pela definição usual, as jovens que são mães têm maior propensão a serem nem-nem,



enquanto que pela definição mais abrangente elas passam a ter maior propensão a estarem trabalhando, indicando a importância dos cuidados com os filhos, parte importante das tarefas domésticas.

Estes resultados mostram como a mudança na definição de trabalho marca ainda mais a diferença de gênero quanto ao acúmulo de capital humano e destaca a relevância de residir no meio rural e do casamento para as mulheres jovens na decisão de alocação do tempo. Isto é, apesar de que nos dois modelos estimados para as mulheres, viver no ambiente rural e ser casada implicam em redução na probabilidade de estar estudando, isto se tornou ainda mais evidente na definição de trabalho que incluía os afazeres domésticos. Assim, esta comparação gerou evidências de que existem fatores de conversão sociais que atingem as jovens brasileiras, reduzindo sua propensão à escolaridade em prol das demais categorias.

É necessário ressaltar que a igualdade de gênero não necessariamente significa igualdade de resultados entre homens e mulheres, mas sim em igualdade de oportunidades (BANCO MUNDIAL, 2007). No entanto, segundo Nussbaum (1998; 2001), apesar de não existir consenso na literatura sobre se as escolhas de gênero são tomadas em função da natureza ou de questões sociais, não se pode negar que exista um processo social onde não seja possível distinguir o que homens e mulheres iriam escolher se fossem genuinamente livres para tal.

Em suma, os resultados encontrados aqui contribuem com o melhor direcionamento de políticas que atenuem as condições dos nem-nem ao destacar a importância, principalmente entre as mulheres, do casamento, da reprodução e do meio rural como possuidores de grande influência na inatividade. A diferença diagnosticada com a inclusão das tarefas domésticas como trabalho, revela uma outra face deste problema que remete à busca por instrumentos que venham a permitir que as mulheres transfiram a responsabilidade de parte destas tarefas. Por exemplo, investimentos em creches e pré-escolas podem ser fundamentais para que as mulheres consigam conciliar tarefas, permitindo uma maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres ao possibilitar a permanência destas na escola ou no mercado de trabalho.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar os determinantes da alocação de tempo dos jovens. Neste sentido, foram comparadas duas definições de trabalho distintas, uma mais usual, relacionada à pessoa economicamente ativa, e a outra, mais abrangente incluindo as tarefas domésticas e o trabalho não remunerado. A ideia deste comparativo era possibilitar uma maior compreensão das jovens nem-nem, que têm perfil ligado aos afazeres domésticos.

Desta forma, foi possível identificar o impacto de algumas variáveis na decisão de estudar, trabalhar, realizar as duas tarefas, ou nenhuma delas. Destacaram-se, neste sentido, as variáveis de escolaridade dos pais e as que refletiam a condição domiciliar, ambas indicaram a existência de uma transmissão intrageracional de escolaridade e de renda, importantes para o acúmulo de capital humano dos jovens. Ainda, é importante destacar a influência da maternidade da jovem na decisão desta em não permanecer estudando.

Não obstante, a comparação entre as duas definições de trabalho, permitiu enfatizar as diferenças de gênero. Especialmente para o caso das mulheres, a adoção da definição que incluía os afazeres domésticos resultou em um aumento na intensidade de residir no meio rural e do casamento sobre a decisão de não estudar. A variável que indica se a jovem possui filhos, que antes apontava para uma maior probabilidade dela ser nem-nem, na definição mais abrangente indicou maior propensão de estarem apenas trabalhando. Desta forma, tem-se a importância do local e da situação conjugal para o acúmulo de capital humano das jovens, de modo que políticas eficientes voltadas a reduzir o fenômeno nem-nem devem buscar instrumentos que permitam às mulheres transferir as responsabilidades de parte das tarefas domésticas, principalmente o cuidado com os filhos.

## REFERÊNCIAS

- ALBANESI, S., OLIVETTI, C. Home production, market production and the gender wage gap: Incentives and expectations. **Review of Economic Dynamics**. v.12, p.80-107, 2009.
- ALCÁZAR, L., RENDÓN, S., WACHTENHEIM, E. Working and Studying in Rural Latin America: critical decisions of adolescence. Inter-American Development Bank **Research Network Working Papers #R-469**, 2002.
- ARROW, K. The benefits of education and the formation of preferences. In: BEHRMAN, J. R.; STACY, N. (Orgs.) **The social benefits of education**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.
- BECKER, G. A Theory of the Allocation of Time. **The Economic Journal**. v. 75, n. 299, p. 493-517, 1965.
- BECKER, G. Human Capital, Effort, and the Sexual Division of Labor. **Journal of Labor Economics**. v. 3, n. 1, p. S33-S58, 1985.
- BECKER, G. **A treatise on the family**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- BRUNS, B; EVANIS, D.; LUQUE, J. **Achieving World Class Education in Brazil: The Next Agenda**. Washington DC: The World Bank, 2012.
- BYNNER, J.; HEATHER, J.; TSTATSAS, M. **Obstacles and Opportunities on the Route to Adulthood: Evidence from Rural and Urban Britain**. London: Smith Institute, 2000.
- BYNNER, J. PARSONS, S. Social Exclusion and the Transition from School to Work: The Case of Young People Not in Education, Employment, or Training NEET. **Journal of Vocational Behavior**. v.60, n. 2, p.289-309, 2002.
- CAMARANO, A., KANSO, S. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de trabalho**. v.53, p. 37-44, 2012.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Transição para a Vida Adulta: mudanças por período de coorte; 2006) In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.
- CHEVALIER, A, VIITANEN, T. The long-run labour market consequences of teenage motherhood in Britain. **Journal of Population Economics**, v. 16, n. 2, p. 323-343, 2003.
- CHIAPPORI, P. Collective Labor Supply and Welfare. **Journal of Political Economy**. v. 100, n.3, p.437-467, 1992.
- COLES, B. et al. Literature Review of the Costs of being ‘Not in Education, Employment or Training’ at Age 16-18. **Department for Education and Skills, Research Report n° 347**, 2010.
- CORSEUIL, C. H; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. **Texto para discussão n° 797**, 2001.
- COSTA-RIBEIRO, C. A. Transitions into Adulthood in Brazil. **Textos da PRONEX-Juventude**, 2009. Disponível em: [pronex.iesp.uerj.br/textos/](http://pronex.iesp.uerj.br/textos/). Acesso em: jan de 2013.
- CUNNINGHAM, W.; SALVAGNO, J. B. Youth Employment Transitions in Latin America. **World Bank Policy Research Working Paper n° 5521**, 2011.
- DORSETT, R., LUCCHINO, P. Snakes and ladders in the youth labour market. In: 26<sup>th</sup> Annual Conference of the European Society for Population Economics – ESPE, 2012, Bern. **Anais...** Bern, 2012.
- EDMONDS, E. **Child Labor. IZA Discussion Paper n°2606**, 2007.

- FERREIRA, B.; ALVES, F. Juventude Rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: **Juventude e políticas sociais no Brasil**. CASTRO, J. A.; AQUINO, L. A. M. C., ANDRADE, C. C. (Orgs). Brasília: Ipea, 2009.
- FURLONG, A.; CARTMEL, F. **Young People and Social Change: Individualisation and Risk in Late Modernity**. Buckingham: Open University Press, 2007.
- GONZAGA, G. Labor Turnover and Labor Legislation in Brazil. **Economía**. v. 4, n. 1, p. 165-222, 2003.
- GONZAGA, G., CORSEUIL, C., FOGUEL, M., RIBEIRO, E. The Effects of and Apprenticeship Program on Labor Market Outcomes of Youths in Brazil. In: 34<sup>o</sup> Meeting of the Brazilian Econometric Society. **Anais...** Porto de Galinhas, 2012.
- GREENE, W. H. **Econometric Analysis**. 7a ed. New Jersey: Prentice Hall, 2011.
- HADFIELD, G. A coordination model of the sexual division of labor. **Journal of Economic Behavior & Organization**. v. 40, p. 125-153, 1999.
- HAVEMAN, R. H.; WOLFE, B. L. Schooling and Economic Well-Being: The Role of Nonmarket Effects. **The Journal of Human Resources**. v. 19, n. 3, p. 377-407, 1984.
- HECKMAN, J. J. Role of Income and Family Influence on Child Outcomes. **Annals of the New York Academy of Sciences**. v. 1136, p. 307-323, 2008.
- HERSCH, J. The effect of housework on earnings of husbands and wives. **Social Science Quarterly**. v. 66, p. 210-217, 1985.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Amostra em Domicílio - PNAD**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em dez. 2012. (2011)
- KIMMEL, J., CONNELLY, R. Mothers' Time Choices: Caregiving, Leisure, Home Production, and Paid Work. **The Journal of Human Resources**. v. XLII, n. 3, p.663-681, 2006.
- KRUGER, D. I., BERTHELOM, M. E. Child work and schooling: the role of domestic activities among girls in Brazil. In: World Bank Conference on Employment and Development. 2008, Los Angeles. **Anais...** Los Angeles, 2008.
- LEME, M., WAJNMAN, S. A alocação do tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000. Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2000.
- LEVISON, D., MOE, K. S. Household work as a deterrent to schooling: an analysis of adolescent girls in Peru. **Journal of Developing Areas**. v. 32, n. 3, p. 339-356, 1998.
- LEVISON et al. Youth Education and Work in Mexico. **World Development**. v. 29, n.1, p. 167-188, 2001.
- MCELROY, M., HORNEY, M. Nash-bargained household decisions: toward a generalization of the theory of demand. **International Economic Review**. v. 22, p. 333-349, 1981.
- MENEZES-FILHO, N. A.; FERNÁNDEZ, R.; PICCHETTI, P.; BARROS, R.; CORSEUIL, C. FOGEL, M.; SANTOS, D. WAJNMAN, S.; LEME, M. C. Adolescents in Latin America and the Caribbean: Examining the time allocation decisions with cross-country micro data. **Inter-American Development Bank Research Network Working Paper n° R-470**. 2002.
- NOVELLINO, M. S. F. Um estudo sobre as mães adolescentes brasileiras. **Psysis Revista de Saúde Coletiva**. v. 21, p. 299-318, 2010.
- NUSSBAUM, M. **Sex and Social Justice**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- NUSSBAUM M. **Women and Human Development: the capabilities approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- ONU - Organização das Nações Unidas. Disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals/bkgd.shtml>. Acesso: jan. de 2013.
- PARDO, M. S. Jóvenes que ni estudian ni trabajan: un riesgo para la cohesión social em America Latina. CIEPLAN y Tecnológico de Monterrey. mimeo, 2011.
- PNUD. **Innovar para incluir: jóvenes y el desarrollo humano**. Buenos Aires: Libros del Zorzal. 2009.
- POPHAM, I. Tacking NEETs: Research on Action and Other Factors that Can Contribute to a Reduction in the Number of Young People Not in Education, Employment or Training (NEET). **DfES Publications**: Nottingham, 2003.
- QUINTINI, G.; MARTIN, S. Starting Well or Losing their Way?: The Position of Youth in the Labour Market in OECD Countries. **OECD Social, Employment and Migration Working Papers n° 39**, 2006.
- ROBSON, K. Becoming NEET in Europe: A Comparison of Predictors and Later- Life Outcomes. In: Global Network on Inequality Mini-Conference, 2008, New York. **Anais...** New York, 2008.
- SCHULTZ, T., P. Why Governments Should Invest more to Educate Girls. **World Development**. v. 30, n. 2, p. 207-225, 2002.
- STRAUSS, J.; THOMAS, D. Human resources: Empirical modeling of household and family decisions. In: **Handbook of Development Economics**. RODRIK, D.; ROSENZWEIG, M. (Eds.). v. 3, part A, p. 1883-2023, 1995.
- UNICEF. **Hidden in Plain Sight: A statistical analysis of violence against children**. New York, 2014.
- WDI. World Development Indicators. Disponível em: <http://databank.worldbank.org/>. Acesso: mar. 2013.
- WOOLDRIDGE, J. M. **Econometric Analysis of Cross Section and Panel Data**. Cambridge, EUA: MIT Press, 2010.

## APÊNDICE

Tabela A.1. Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas.

Variável	Observações	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Idade	91754	21,890	4,376	15	29
Idade2	91754	498,32	192,78	225	841
Filho	91754	0,560	0,496	0	1
Raça	91754	0,418	0,493	0	1
Mãe	46065	0,365	0,481	0	1
Casado	91754	0,026	0,159	0	1
Estudo 1 a 4	91754	0,062	0,241	0	1
Estudo 5 a 10	91754	0,448	0,497	0	1
Estudo 11 a 14	91754	0,387	0,487	0	1
Estudo 15 mais	91754	0,058	0,233	0	1
Educ. pais prim.	91754	0,339	0,473	0	1
Educ. pais sup.	91754	0,117	0,322	0	1
Chefe trabalha	91754	0,529	0,499	0	1
Chefe mulher	91754	0,282	0,450	0	1
Nº pessoas	91754	4,175	1,828	1	29
Nº cômodos	91754	5,771	2,088	1	28
Banheiro enc.	91754	0,552	0,497	0	1
Outra renda	91754	0,098	0,297	0	1
Rural	91754	0,135	0,342	0	1
N	91754	0,173	0,378	0	1
NE	91754	0,302	0,459	0	1
S	91754	0,149	0,356	0	1
CO	91754	0,106	0,308	0	1

Tabela A.2. Resultado do modelo *logit multinomial* para os homens jovens, utilizando a definição de trabalho que inclui os afazeres domésticos – 2011.

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e Estuda	Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e Estuda	
Idade	5,344*** (0,455)	8,575*** (0,581)	1,405*** (0,090)	Chefe trabalha	0,858** (0,056)	1,020 (0,052)	1,180*** (0,058)	
Idade2	0,969*** (0,002)	0,961*** (0,002)	0,995*** (0,002)	Chefe mulher	1,229*** (0,072)	0,956 (0,043)	0,935 (0,040)	
Filho	1,144 (0,096)	0,462*** (0,029)	0,779*** (0,047)	N° pessoas	1,130*** (0,017)	1,063*** (0,013)	0,958*** (0,011)	
Raça	0,768*** (0,045)	0,703*** (0,032)	0,800*** (0,034)	N° cômodos	0,887*** (0,013)	0,837*** (0,009)	0,943*** (0,009)	
Casado	4,632*** (2,242)	6,737*** (3,068)	4,176*** (1,949)	Banheiro enc.	0,763*** (0,050)	0,590*** (0,031)	0,805*** (0,039)	
Estudo 1 a 4	0,266*** (0,039)	0,652*** (0,092)	1,095 (0,151)	Outra renda	1,335*** (0,143)	0,364*** (0,038)	0,957 (0,085)	
Estudo 5 a 10	0,137*** (0,017)	0,505*** (0,064)	1,464*** (0,179)	Rural	0,977 (0,089)	1,913*** (0,131)	1,629*** (0,107)	
Estudo 11 a 14	0,254*** (0,035)	0,938 (0,127)	2,005*** (0,266)	N	0,533*** (0,050)	0,591*** (0,042)	1,372*** (0,091)	
Estudo 15 mais	0,210*** (0,045)	0,894 (0,176)	1,877*** (0,372)	NE	0,770*** (0,054)	0,556*** (0,031)	0,844*** (0,044)	
Educ. pais prim.	1,491*** (0,093)	1,321*** (0,064)	1,045 (0,048)	S	0,996 (0,097)	1,802*** (0,131)	2,099*** (0,141)	
Educ. pais sup.	0,524*** (0,048)	0,340*** (0,023)	0,706*** (0,041)	CO	0,762*** (0,074)	0,868* (0,064)	1,371*** (0,094)	
Pseudo R2							0,246	
Log pseudolikelihood							-20210868	
N° obs.							45689	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD 2011.

Notas: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses. \*\*\*, \*\* e \* representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Tabela A.3. Resultado do modelo *logit multinomial* para as mulheres jovens, utilizando a definição de trabalho que inclui os afazeres domésticos – 2011.

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e Estuda	Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e Estuda
Idade	2,650*** (0,368)	3,066*** (0,289)	0,846* (0,076)	Chefe trab.	0,942 (0,089)	1,247*** (0,081)	1,467*** (0,092)
Idade2	0,983*** (0,003)	0,982*** (0,002)	1,007*** (0,002)	Chefe mulher	1,181* (0,110)	0,959 (0,058)	0,929 (0,053)
Filho	0,879 (0,107)	0,386*** (0,032)	0,811*** (0,064)	Nº pessoas	1,162*** (0,027)	1,068*** (0,019)	0,984 (0,016)
Raça	0,793** (0,072)	0,628*** (0,038)	0,780*** (0,045)	Nº cômodos	0,834*** (0,019)	0,787*** (0,010)	0,894*** (0,010)
Tem filho	4,449*** (0,795)	9,275*** (1,378)	2,437*** (0,362)	Banheiro enc.	0,845 (0,089)	0,614*** (0,043)	0,729*** (0,048)
Casado	5,510*** (2,623)	6,961*** (2,941)	4,364*** (1,839)	Outra renda	1,137 (0,171)	0,800* (0,092)	1,039 (0,115)
Estudo 1 a 4	0,188*** (0,054)	0,881 (0,217)	0,945 (0,222)	Rural	1,943*** (0,315)	2,468*** (0,292)	2,029*** (0,233)
Estudo 5 a 10	0,111*** (0,023)	0,695* (0,135)	1,457** (0,269)	N	0,802 (0,115)	0,546*** (0,054)	1,250** (0,115)
Estudo 11 a 14	0,264*** (0,059)	2,220*** (0,451)	1,616** (0,314)	NE	0,900 (0,100)	0,635*** (0,046)	0,916 (0,063)
Estudo 15 mais	0,425*** (0,129)	4,391*** (1,154)	1,346 (0,345)	S	1,091 (0,159)	1,401*** (0,129)	1,522*** (0,131)
Educ. pais primária	1,602*** (0,166)	1,626*** (0,114)	1,187** (0,080)	CO	0,920 (0,135)	0,731*** (0,070)	1,208** (0,108)
Educ. pais superior	0,643*** (0,081)	0,271*** (0,022)	0,534*** (0,038)	-	-	-	-
Pseudo R2							0,285
Log pseudolikelihood							-15777735
Nº obs.							46065

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD 2011.

Notas: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses. \*\*\*, \*\* e \* representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.